

## **Bases conceituais e metodológicas da micro-história italiana na perspectiva de Carlo Ginzburg, Edoardo Grendi e Giovanni Levi**

**Conceptual and methodological bases of italian microhistory from the perspective of Carlo Ginzburg, Edoardo Grendi and Giovanni Levi**

**Fundamentos conceptuales y metodológicos de la microhistoria italiana desde la perspectiva de Carlo Ginzburg, Edoardo Grendi y Giovanni Levi**

Júlio Resende Costa<sup>1</sup>

### **Resumo**

Inserida no campo da História Social e Cultural, a micro-história surgiu na década de 1970 como proposta historiográfica que supera as limitações impostas pela historiografia tradicional. O texto discorre sobre a base teórico-conceitual da micro-história italiana e configura-se como uma Revisão Sistemática da Literatura, de natureza discursiva. O levantamento bibliográfico realizou-se mediante consulta a livros, artigos e capítulos de obras disponíveis em bases científicas como Scielo, Periódicos Capes e Google Scholar. Foram selecionados materiais que discutem a micro-história, dando ênfase a textos de referência dos autores italianos e a pesquisas que analisam sua aplicação em diferentes cenários historiográficos. Os parâmetros de seleção consideraram a pertinência teórica e relevância para o debate conceitual. O exame consistiu em leitura analítica e organização das ideias, buscando identificar pontos de convergência e divergência entre os estudiosos, além de mapear os principais aportes metodológicos. Buscou-se elaborar uma síntese capaz de oferecer a compreensão dos fundamentos da micro-história, ressaltando sua trajetória e impacto na historiografia contemporânea. A micro-história volta-se para experiências cotidianas, contextos locais e sujeitos historicamente marginalizados, reconhecendo os limites impostos pela fragmentação das fontes e pela complexidade do passado. Apoiada no método indiciário, a micro-história prioriza vestígios sutis como elementos reveladores de dinâmicas sociais ocultas que as grandes narrativas não captam. Ao incorporar fontes alternativas e novas perspectivas de abordagem do fenômeno histórico, a micro-história não rejeita análises macrossociais, mas complementa-as, comprovando que os detalhes iluminam estruturas maiores. A maior contribuição da micro-história para a historiografia está na sua capacidade de revelar o invisível por meio da integração entre a microanálise e a macroanálise.

**Palavras-chave:** Micro-história; Método indiciário; Carlo Ginzburg; Edoardo Grendi; Giovanni Levi.

### **Abstract**

Within the field of Social and Cultural History, microhistory emerged in the 1970s as a historiographical approach aimed at overcoming the limitations imposed by traditional historiography. This text examines the theoretical and conceptual foundations of italian microhistory and is structured as a Systematic Literature Review of a discursive nature. The bibliographic survey was conducted through consultation of books, scholarly articles, and

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de Uberlândia – UFU. Uberlândia/MG, Brasil. E-mail: [jresendecosta@gmail.com](mailto:jresendecosta@gmail.com)  
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7953-6665>

book chapters available in recognized scientific databases such as Scielo, Capes Journals, and Google Scholar. Materials addressing microhistory were selected, with emphasis on reference texts by Italian authors and studies analyzing its application in different historiographical contexts. The selection criteria considered theoretical relevance, timeliness of publications, and contribution to the conceptual debate. The analysis consisted of critical reading and organization of central ideas, seeking to identify points of convergence and divergence among scholars, as well as mapping the main methodological contributions. This study aimed to develop a synthesis capable of providing a comprehensive understanding of the fundamentals of microhistory, highlighting its trajectory and impact on contemporary historiography. Microhistory focuses on everyday experiences, local contexts, and historically marginalized subjects, while acknowledging the limitations imposed by fragmented sources and the complexity of the past. Based on the inferential method, microhistory prioritizes subtle traces as revealing elements of hidden social dynamics that grand narratives fail to capture. By incorporating alternative sources and new perspectives on historical phenomena, microhistory does not reject macrosocial analyses, but complements them, proving that details illuminate larger structures. The greatest contribution of microhistory to historiography lies in its ability to make the invisible visible through the integration of microanalysis and macroanalysis.

**Keywords:** Microhistory; Inferential method; Carlo Ginzburg; Edoardo Grendi; Giovanni Levi.

### **Resumen**

En el campo de la Historia Social y Cultural, la microhistoria surgió en la década de 1970 como un enfoque historiográfico destinado a superar las limitaciones de la historiografía tradicional. Este texto examina los fundamentos teóricos y conceptuales de la microhistoria italiana y está estructurado como una Revisión Sistemática de la Literatura de carácter discursivo. La búsqueda bibliográfica se llevó a cabo mediante la consulta de libros, artículos y capítulos de obras disponibles en bases de datos científicas reconocidas, como Scielo, Capes Journals y Google Scholar. Se seleccionaron materiales relacionados con la microhistoria, priorizando textos de autores italianos e investigaciones que analizan su aplicación en diferentes contextos historiográficos. Los criterios de selección consideraron la pertinencia teórica, la actualidad de las publicaciones y la relevancia para el debate conceptual. El análisis consistió en una lectura crítica y en la organización de las ideas, con el objetivo de identificar puntos de convergencia y divergencia entre los investigadores, así como de trazar las principales contribuciones metodológicas. Este estudio buscó elaborar una síntesis que permita comprender los fundamentos de la microhistoria, destacando su trayectoria e impacto en la historiografía contemporánea. La microhistoria se centra en las experiencias cotidianas, los contextos locales y los sujetos históricamente marginados, reconociendo las limitaciones impuestas por la fragmentación de las fuentes y la complejidad del pasado. Basándose en el método indiciario, la microhistoria prioriza los rastros sutiles como reveladores de dinámicas sociales ocultas que las grandes narrativas no logran captar. Al incorporar fuentes alternativas y nuevas perspectivas sobre los fenómenos históricos, la microhistoria no rechaza los análisis macrosociales, sino que los complementa, demostrando que los detalles iluminan estructuras más amplias. La mayor contribución de la microhistoria a la historiografía reside en su capacidad de revelar lo invisible mediante la integración del microanálisis y el macroanálisis.

**Palavras chave:** Microhistoria; Método indiciário; Carlo Ginzburg; Edoardo Grendi; Giovanni Levi.

## **Introdução**

Este manuscrito sintetizou as principais discussões acerca de um método alternativo de abordagem de um objeto de pesquisa em pequena escala, para além do método positivista clássico. Reflete parte da pesquisa realizada durante o estágio pós-doutoral em educação, na linha de pesquisa História e Historiografia da Educação, que teve como escopo o processo de formação de docentes negros no Brasil, utilizando a História Oral de Vida como metodologia e a micro-história como parâmetro de análise dos resultados.

Amplamente utilizada na História da Educação, sobretudo nas pesquisas que utilizam a História Oral como opção metodológica para compreender práticas escolares específicas ou de grupos sociais invisibilizados, a micro-história encontra seu lugar no domínio da História, atuando de forma mais específica como um enfoque historiográfico dentro das Ciências Humanas, relacionada principalmente à História Social e à História Cultural.

Nas últimas décadas, a micro-história afirmou-se como uma vertente historiográfica significativa ao propor uma abordagem que se distancia das grandes narrativas e dos modelos interpretativos generalizantes tão propalados pelo positivismo histórico. Ao privilegiar sujeitos “comuns”, eventos locais e vivências cotidianas, essa perspectiva permite revelar dimensões do passado frequentemente negligenciadas pela historiografia tradicional. Em contraste com análises macroestruturais, a micro-história aposta no potencial interpretativo dos detalhes, dos vestígios e das fontes fragmentadas, partindo sempre do princípio de que tais elementos podem iluminar dinâmicas culturais, sociais e políticas mais amplas.

Essa mudança paradigmática e metodológica amplia o horizonte da pesquisa histórica e enfatiza o papel do historiador como agente ativo no processo interpretativo do fenômeno histórico-social. A obra “O queijo e os vermes”, publicada em 1976 por Carlo Ginzburg, ilustra bem essa proposta ao reconstruir a visão de mundo de um camponês do século XVI com base em registros da Inquisição. De modo semelhante, em 1985, Giovanni Levi publica o livro “Herança imaterial”, analisando um processo judicial para revelar as complexas relações de poder em uma comunidade rural italiana. Anteriormente a essas duas obras, Edoardo Grendi publicou, em 1977, o livro “Microstoria”. Considerado um dos textos inaugurais da vertente micro-histórica, o conceito central em Grendi é a análise de como grupos, instituições e práticas coletivas se organizam e se transformam em contextos específicos, enfatizando que o estudo de casos singulares pode iluminar estruturas sociais complexas.

Grendi defende que o historiador deve evitar generalizações abstratas. Sua obra provocou discussões sobre os limites e possibilidades da história, questionando até que ponto é possível conhecer o passado a partir de fragmentos documentais.

A micro-história apresenta-se como uma ferramenta analítica eficaz para abordar a multiplicidade e complexidade das experiências humanas, contribuindo para uma escrita da história mais inclusiva e atenta às sutilezas do pensado, do sentido e do vivido. Esta introdução tem como objetivo situar essa abordagem no panorama historiográfico, destacando seus fundamentos teóricos, contribuições metodológicas e potencial analítico.

A micro-história, consolidada como abordagem metodológica voltada à análise de experiências singulares, suscita o desafio de compreender como seus fundamentos teórico-conceituais podem servir à investigação de estruturas sociais mais amplas. A tensão entre a escala reduzida e a elaboração de narrativas macro-históricas exige examinar em que medida indícios e práticas locais contribuem para interpretações gerais de processos complexos. Nesse contexto, torna-se relevante identificar as bases teóricas da micro-história italiana representada por Carlo Ginzburg, Edoardo Grendi e Giovanni Levi, e avaliar sua capacidade de articular o micro e o macro na construção de narrativas históricas de maior alcance.

Justifica a opção pela micro-história italiana porque ela constitui uma contribuição fundamental para a historiografia contemporânea, na medida em que propõe a análise de casos singulares e contextos locais como estratégia metodológica capaz de revelar dinâmicas sociais complexas. Ao deslocar o foco das grandes narrativas para experiências individuais e fragmentos documentais, essa perspectiva metodológica demonstra que a investigação minuciosa de situações particulares ilumina estruturas mais amplas, oferecendo uma compreensão mais profunda, densa e crítica do passado. A micro-história italiana não apenas enriquece o campo da pesquisa histórica, mas problematiza os limites do conhecimento, ao evidenciar a tensão entre o micro e o macro na construção das interpretações historiográficas.

Como questão norteadora deste estudo, formulou-se a seguinte indagação: de que forma os fundamentos teórico-conceituais da micro-história podem ser aplicados como recurso metodológico para evidenciar a organização de estruturas sociais mais abrangentes e colaborar na elaboração da macro-história?

Para responder ao problema de pesquisa estabeleceu-se o seguinte objetivo geral: reconhecer e examinar os fundamentos teóricos e conceituais da micro-história como recurso

metodológico capaz de evidenciar a organização de estruturas sociais mais abrangentes e colaborar na elaboração da macro-história.

## **Metodologia**

Enquanto artigo de revisão, optou-se pela pesquisa bibliográfica, com foco na síntese da literatura publicada sobre a temática em discussão. Visando a alcançar o objetivo central estabelecido para este estudo, desenvolveu-se uma investigação baseada na Revisão Sistemática da Literatura (RSL). De acordo com Sarmiento, Saavedra e Rosado (2024), a RSL corresponde a compilações de pesquisas primárias que apresentam a descrição dos procedimentos metodológicos envolvidos e que foram conduzidas seguindo uma abordagem detalhada e passível de reprodução. Os benefícios da RSL concentram-se na otimização e no controle do tempo destinado à execução da revisão, na eficácia do processo em si, além da oportunidade de divulgação em formato de artigo científico.

A pesquisa bibliográfica ocorreu entre julho e setembro de 2025, por meio de busca a livros, artigos e capítulos de obras disponíveis em bases de dados como *Scielo*, Periódicos Capes e *Google Scholar*. O critério para a pesquisa utilizou expressões como “micro-história”, “microanálise” e “método indiciário”. No primeiro momento, títulos e resumos foram analisados para identificar, *a priori*, a relevância dos textos para a construção do referencial. Em seguida, determinaram-se os trabalhos com maior aderência ao estudo, levando em conta a pertinência teórica e a importância das obras para o debate conceitual, buscando-se identificar semelhanças e diferenças entre os estudiosos, além de mapear os principais aportes teórico-metodológicos.

O material bibliográfico selecionado incluiu estudos divulgados no final do século XX e nas primeiras décadas do século XXI, período no qual a micro-história surgiu e se consolidou no debate historiográfico mundial. Na pesquisa bibliográfica, foram consideradas publicações impressas e digitais em português, assim como obras em inglês e italiano, traduzidas para o português. Privilegiaram-se livros, capítulos de livros e artigos avaliados por pares, de caráter teórico e/ou empírico. Foram descartados da seleção textos opinativos, resenhas, anais de congressos, resumos ampliados e trabalhos sem revisão por pares. Destaca-se que algumas obras não foram obtidas em bancos de dados virtuais. Tratam-se de obras

físicas<sup>2</sup> que, em função da época em que foram produzidas, estão digitalizadas e disponibilizadas gratuitamente na rede mundial de computadores.

Tendo como escopo a discussão e contribuição da micro-história para a História Social e Cultural foram escolhidos os textos que tratam da temática, priorizando-se os trabalhos dos autores italianos que propuseram e discutem a micro-história, bem como estudos que exploram sua aplicação em diferentes cenários historiográficos. A síntese dos dados foi realizada qualitativamente, analisando tendências gerais, discussão teórica e notas conclusivas. O *corpus* teórico foi construído com base em vinte e seis obras, sendo sete artigos, dez livros e nove capítulos de livros.

Quadro 1.0 – Portfólio-base dos trabalhos selecionados

TÍTULO	AUTORIA	ANO	CATEGORIA TEMÁTICA
A micro-história e outros ensaios	Carlo Ginzburg	1989	História cultural, micro-história, história da arte, método indiciário.
Sobre a micro-história	Giovanni Levi	1992	A micro-história como abordagem que prioriza o estudo de casos singulares e contextos específicos, em oposição às narrativas macro-históricas totalizantes.
Repensar a micro-história?	Edoardo Grendi	1998	Impasses metodológicos e conceituais da historiografia contemporânea, microescala <i>versus</i> macroescala, fenômenos em pequena escala como instrumento para iluminar dinâmicas sociais mais amplas.
O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício	Carlo Ginzburg	2007	Paradigma indiciário, rigor crítico para distinguir o que é realidade e o que é ficção na narrativa histórica, interpretação de vestígios.
Microanálise e história social	Edoardo Grendi	2009a	História social e micro-história, escala reduzida e microanálise, observação de fenômenos reduzidos para revelar estruturas sociais mais ampliadas.
Prefácio	Giovanni Levi	2009	Origem política e intelectual da micro-história, crítica às grandes sínteses históricas, o sujeito como ator histórico, relação entre micro e macro-história.
Paradoxos da história contemporânea	Edoardo Grendi	2009b	Limites da historiografia contemporânea, tensões entre história social e micro-história, a micro-história como método para revelar a macro-história.
Micro-história e história da imigração	Giovanni Levi	2015	Metodologia micro-histórica, relação entre cotidiano e estruturas globais, experiência individual e coletiva, identidade cultural e adaptação.

Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

<sup>2</sup> COLLINGWOOD, Robin George. **The idea of history**. Oxford: Oxford University, 1946. LANZI, Luigi Antonio. **Storia pittorica della Italia del risorgimento delle belle arti fin presso al fine del XVIII secolo**. Firenze: Edizione Terza, 1792.

A síntese e consolidação dos dados foi conduzida de forma qualitativa, examinando padrões gerais da reflexão teórica e apontamentos finais. Para estruturar os fundamentos lógicos que sustentam a análise e a argumentação expostas neste trabalho, além dos trabalhos de Ginzburg (1989; 2007), Grendi (1998; 2009a; 2009b) e Levi (2009; 2015), base teórica que fundamentou este trabalho e apresentada no Quadro 1.0, foram empregadas as considerações feitas por Alves (2019), Campos (2018), Castro (1997), Collingwood (1946), Costa e Santos (2024), Jenkins (2001), Karsburg (2015), Lanzi (1792), Lima (2012), Marx (1986), Revel (1998), Roiz (2010), Sarmiento, Saavedra e Rosado (2024), Vainfas (2002) e Zorzal (2014).

## **Resultados**

Ao estudar a história da arte italiana em *Storia pittorica della Italia del risorgimento delle belle arti fin presso al fine del XVIII secolo*, de Luigi Lanzi (1732-1810), pode-se afirmar que a periferia aparece unicamente como área marginal que intensifica o destaque da metrópole (Ginzburg, 1989). O subúrbio costuma permanecer em um nível mediano: situação frequente entre artistas que residem longe dos grandes centros urbanos, desprovidos de incentivos competitivos e de referências de qualidade (Lanzi, 1792). Embora esses dois excertos se refiram à história da arte italiana em Luigi Antonio Lanzi e o determinismo geográfico-social, eles inspiram a abordagem da micro-história e da microanálise brevemente discutidas neste texto.

A História surgiu como ciência autônoma e legítima ao longo do século XIX. Durante seu desenvolvimento e emancipação, a História foi dominada pela doutrina positivista, cujos postulados defendem a convicção de que a tarefa do historiador é desvendar a verdade factual do passado a partir de fontes tangíveis como os documentos escritos, especialmente aqueles declarados oficiais, além de registros históricos impressos ou manuscritos. Para os historiadores clássicos, as fontes devem se expressar livremente, sem imposições interpretativas do pesquisador.

O rigor positivista na análise histórica está centrado na valorização de fontes documentais e metodologias de crítica das fontes com o propósito de neutralizar vieses interpretativos, resgatando fontes autênticas, buscando desvelar e narrar a verdade histórica em sua suposta pureza.

É necessário ir além dos documentos clássicos, tradicionais, reconhecendo que eles não constituem os únicos recursos disponíveis ao historiador. Por sua própria natureza, os documentos apresentam distorções, uma vez que sua produção é seletiva e os registros que deixamos sobre nossa existência são limitados. Não é possível conceber a escrita da história exclusivamente com base nesses vestígios, pois aspectos como emoções, sentimentos, dúvidas e expectativas não são registrados. Os documentos surgem apenas em contextos de decisão e ação. Além disso, sua produção é condicionada por fatores sociais: indivíduos com maior poder econômico geram mais registros que os menos favorecidos; homens mais que mulheres; brancos mais que povos indígenas (Levi, 2015).

Ao longo do século XX, a doutrina positivista começou a ser criticada por inúmeros filósofos e historiadores, seguidores das mais distintas escolas do pensamento científico, dentre os quais podem ser citados: Ernst Hartwig Kantorowicz (Alemanha), Raymond Aron e Michel Foucault (França) e Robin George Collingwood (Inglaterra).

No contexto advogado pelos historiadores clássicos, a influência do positivismo na historiografia contemporânea caracteriza-se por uma notável capacidade de análise em pesquisas de âmbito restrito, contrastando com uma limitada capacidade de abordar questões de grande abrangência (Collingwood, 1946).

É claro que identificar um traço ou manifestação cultural representa, em um primeiro momento, um indício específico e delimitado para uma investigação. Transformá-lo em objeto de estudo histórico pode envolver sua incorporação em estruturas mais amplas e sistemáticas, de natureza classificatória; contudo, também é possível abordá-lo por meio de inserções em contextos restritos e singulares – isto é, por meio de análises em escala reduzida (Grendi, 1998).

A história quantitativa de longo período pode incorrer no risco de se produzir inferências obscuras de uma história social uniformizada (Ginzburg, 1989). Por muito tempo, a história globalizante cuja abordagem procura analisar e explicar o processo histórico em escala mundial e recorte temporal amplo manteve-se como doutrina hegemônica no pensamento historiográfico durante o século XIX e os dois primeiros quartéis do século XX.

Não parece imprudente afirmar que análises quantitativas de longa duração podem igualmente encobrir e alterar os acontecimentos. Indicadores como preços, condições de vida e taxas de mortalidade possuem relevância imediata, sobretudo quando se busca compreender as respostas do poder político diante de variações econômicas e crises alimentares. Refere-se,

por exemplo, ao controle de preços, à constituição de estoques, às requisições e à compra de grãos em mercados externos. Sob a ótica de séries temporais extensas torna-se complexo captar os desafios cotidianos relacionados à manutenção da vida (Ginzburg, 1989).

No capítulo III – *The threshold of scientific history*, da obra *The idea of history*, publicada em 1946, o historiador, filósofo e arqueólogo britânico Robin George Collingwood discorda da abordagem positivista e aponta contradições no interior do pensamento historiográfico clássico. A contribuição do positivismo para a historiografia contemporânea, nesse aspecto de sua atuação, consiste em uma articulação entre uma capacidade excepcional para lidar com questões pontuais e uma limitação igualmente notável na abordagem de temas abrangentes (Collingwood, 1946).

A revista *Quaderni Storici Delle Marche*, fundada em 1966 e renomeada como *Quaderni Storici* em 1970, consolidou-se como um fórum de interação entre historiadores italianos de diferentes gerações e posições acadêmicas, além de congregar renomados pesquisadores internacionais. A revista *Quaderni Storici* foi, possivelmente, o periódico histórico italiano mais alinhado com as discussões da História Social no começo dos anos 1970, assumindo com rapidez – embora enfrentando resistência – uma posição de destaque no debate sobre os critérios da transformação historiográfica no contexto italiano (Lima, 2012).

A identificação de uma origem única para a micro-história se mostra inadequada, visto que a disciplina emerge a partir de múltiplos pontos de partida, os quais se entrelaçam para configurar a complexa discussão em torno de seu desenvolvimento e características (Lima, 2012). A micro-história surgiu da demanda por restabelecer a profundidade das interpretações; da rejeição, portanto, às abordagens simplificadas e abrangentes, com o objetivo de entender de forma concreta os fatores que davam origem a atitudes, decisões e vínculos sociais (Levi, 2009).

A micro-história é um projeto que teve origem recente, ao longo da década de 1970, a partir de um conjunto de indagações e propostas elaboradas por um grupo restrito de historiadores italianos engajados em iniciativas compartilhadas (como a revista *Quaderni Storici* e, a partir de 1980, uma série publicada pela Editora Einaudi sob a coordenação de Carlo Ginzburg e Giovanni Levi, intitulada *Microstorie*). A micro-história surgiu como resposta crítica e posicionamento diante de determinadas condições da historiografia social, propondo uma reavaliação de seus fundamentos teóricos, objetivos e métodos. Nesse sentido,

pode ser interpretada como um indicativo das transformações no campo historiográfico (Revel, 1998).

A micro-história vem adquirindo crescente relevância no Brasil e em outros países da América Latina, em especial nos estudos em História da Educação que utilizam a História Oral como metodologia. Com essa orientação metodológica, tais estudos focam em pequenos grupos sociais, como as comunidades quilombolas e indígenas, podendo contemplar todos os sujeitos que compõem o universo da pesquisa. Neste sentido, torna-se desnecessário o cálculo amostral formal (fórmulas estatísticas) em universos reduzidos abordados nas pesquisas qualitativas, estudos exploratórios ou de caso, onde o objetivo não é a generalização estatística, mas sim a compreensão profunda do fenômeno.

Patton (2002) defende a amostragem intencional para seleção de casos ricos em informações, focando na qualidade da informação e não na quantidade, o que torna o cálculo de poder estatístico desnecessário. Por sua vez, Sandelowski (1995) argumenta que em estudos qualitativos, amostras muito grandes podem impedir uma análise em profundidade, sendo a amostra reduzida uma opção metodológica do pesquisador.

Ao problematizar a estrutura sistemática das grandes narrativas históricas, apresenta-se como alternativa às interpretações de caráter generalizante. Nesse contexto, os amplos recortes cronológicos cedem espaço a uma escala reduzida de observação, da qual emergem acontecimentos singulares, tramas específicas e trajetórias individuais. O sujeito, antes concebido apenas como reflexo do coletivo social ao qual estava vinculado, passa a ser reconhecido como agente histórico. Simultaneamente, a micro-história procura restabelecer a articulação entre o plano micro e o macro, sem abdicar do rigor metodológico nem da atenção ao conjunto mais amplo das dinâmicas sociais (Grendi, 2009b).

A nova abordagem se concretizou na adoção de uma dimensão analítica micro, detalhada, que por sua própria natureza e de forma quase deliberadamente provocativa, confirmava o enfraquecimento da narrativa histórica de caráter sintético (Grendi, 1998). Paralelamente, Levi (2009) afirma que em uma realidade marcada pela descrença na existência de princípios universais compartilhados, a reflexão sobre as formas de estruturar as relações humanas e atribuir significado às experiências individuais ainda demanda a aplicação de abordagens micro-históricas. Embora a pesquisa histórica ainda contemple o paradigma positivista, novas correntes teórico-metodológicas têm se afirmado, sobretudo a partir da década de 1970.

O movimento micro-historiográfico, iniciou-se na Itália, no final da década de 1970 e início dos anos 1980, tendo em Edoardo Grendi, Carlo Ginzburg e Giovanni Levi três de seus maiores expoentes e defensores. Contrastando com a História Geral, que aborda eventos em larga proporção e longa duração, a micro-história reduz a escala de observação, concentrando-se em objetos específicos e revelando realidades negligenciadas ou não percebidas pela História Geral, tais como o cotidiano das pessoas, o contexto local, pequenos fatos e enredos, além de biografias individuais. O foco na “pequena” história destaca enredos e vidas que, muitas vezes, escapam das amplas narrativas.

A produção historiográfica deixou de considerar os grupos sociais subalternos, as mulheres, as tradições orais, as práticas do cotidiano, os contextos periféricos e as sociedades distintas da ocidental. Não se pretende, de forma alguma, eximir-me da crítica a essa exclusão. No entanto, não é suficiente mencionar determinados sujeitos para integrá-los à narrativa histórica global ou evidenciar sua existência e importância. O aspecto fundamental reside na forma como esses sujeitos são representados (Levi, 2009).

A microanálise não se dedica exclusivamente ao estudo das minorias ou dos excluídos da sociedade e da história globalizante, de ampla escala temporal. Não se trata, obrigatoriamente, de uma narrativa voltada aos marginalizados, aos indivíduos comuns ou aos grupos afastados dos centros de poder. Busca-se, antes, a reconstituição de episódios, circunstâncias e sujeitos que, examinados com rigor interpretativo dentro de um recorte delimitado, revelam significados e nuances relevantes; não como meras ilustrações diante da ausência de alternativas explicativas, mas como indicadores da articulação dos acontecimentos com a complexidade dos contextos em que os indivíduos atuam (Levi, 2009).

A crescente popularidade das reconstituições micro-históricas entre autores italianos pode ser atribuída às transformações políticas e intelectuais que desde o final do século XX questionavam os modelos interpretativos dominantes da história social, representados, na França, pelo legado de Fernand Braudel. A micro-história, por sua vez, emerge como uma resposta multifacetada a essa insatisfação, abraçando o desafio de construir uma história imbuída de antropologia, dedicada à investigação de aspectos negligenciados da experiência histórica (Lima, 2012).

A abordagem da microanálise (ou micro-história, denominação que rapidamente se disseminou de forma mais ampla) voltará a ser mencionada de maneira específica e com maior destaque nos anos subsequentes, vinculada a diversos textos publicados a partir da

segunda metade da década de 1970 em *Quaderni Storici* e em outras publicações periódicas (Lima, 2012).

É necessário observar o específico, não com o intuito de abordar apenas o contexto local, mas para formular questões amplas que possibilitem múltiplas interpretações críticas. Assim, o ponto de partida é o elemento singular. A questão que se coloca é como alcançar formulações gerais sem negligenciar os sujeitos e as circunstâncias particulares. Ou, em sentido inverso, como representar eventos e indivíduos sem recorrer a classificações genéricas ou modelos exemplares, e sem abrir mão da análise de questões de ordem mais abrangente (Levi, 2015).

A micro-história é um estilo de escrita histórica que não se limita à simples narração dos acontecimentos. Ela busca revelar ao leitor o percurso da investigação, detalhando as escolhas metodológicas e analíticas feitas pelo historiador. Ao invés de ocultar a atuação do pesquisador, essa abordagem destaca o processo de elaboração da história, conferindo importância tanto ao caminho trilhado quanto às conclusões alcançadas.

A micro-história se propõe, primordialmente, como uma iniciativa exploratória: apresenta narrativas, mas sem omitir os procedimentos adotados pelo historiador. Isso não se limita à referência às fontes – prática inerente à conduta profissional –, mas envolve também a explicitação transparente do percurso metodológico que orientou a elaboração da análise histórica: os acertos e equívocos, a formulação das questões e a busca pelas soluções interpretativas (Levi, 2009).

Em palestra proferida no “I Seminário Micro-história, Trajetórias e Imigração”, realizado entre os dias 27 e 31 de outubro de 2014, na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Giovanni Levi definiu micro-história, abordou seus princípios teóricos e, sobretudo, explicou tudo o que a micro-história não é. Para o pesquisador, a função do historiador não é construir leis gerais, mas colocar as diferenças sempre em evidência. A questão central reside na diversidade, na multiplicidade e não na uniformidade dos acontecimentos. Essa é a essência da micro-história (Levi, 2015).

A abordagem micro-histórica constitui atualmente uma das mais dinâmicas e produtivas em termos analíticos: a opção fundamental por uma dimensão reduzida de análise apoia-se na crença principal de que tal perspectiva permite ampliar os sentidos atribuídos aos processos históricos, promovendo uma transformação profunda nos instrumentos de interpretação e na sua validação empírica (Grendi, 1998).

A micro-história deve estudar coisas grandes com o microscópio que a possibilita observar coisas que não são evidentes. A partir dessa observação, o micro-historiador deve construir perguntas gerais que se aplicam a situações particulares de onde partiu. Esses questionamentos devem ser válidos e aplicados em outros contextos, sempre como perguntas e não como respostas. Posteriormente, é necessário voltar a focar o elemento específico, porém apenas considerando que os aspectos singulares são ilimitados em sua variedade (Levi, 2015).

Ao utilizar o artifício narrativo e a descrição etnográfica, a micro-história se apresenta com riqueza metodológica, oferecendo novas perspectivas de entendimento do passado, complementando a História Geral, pretensiosamente totalizante. O que o historiador narra geralmente não é uma reprodução literal, exata do passado. A dimensão do pretérito é tão vasta que torna impossível uma reconstrução completa e precisa. Grande parte dos eventos jamais foi documentada, e mesmo os que tenham sido registrados são, em geral, fragmentados e passageiros.

A narrativa construída por um historiador jamais reproduz integralmente os acontecimentos pretéritos: a própria extensão desses eventos torna impraticável uma reconstrução completa. A maioria dos dados referentes ao passado não foi documentada e grande parte do que subsiste é fragmentária e instável (Jenkins, 2001).

## **Discussão**

A micro-história é resultante de uma mudança e falência dos modelos explicativos amplamente utilizados pela história tradicional, calcada no positivismo clássico. Por isso, suas fontes nem sempre coincidem com as fontes utilizadas pela macro-história. Para Alves (2019), os micro-historiadores mergulham fundo nas fontes, buscando encontrar o nome das pessoas envolvidas e, a partir disso, seguem o caminho de cada uma. Assim, conseguem descobrir detalhes que mostram como era o dia a dia, como as pessoas pensavam e agiam.

Por meio da análise aprofundada das fontes, com foco na identificação dos sujeitos, os micro-historiadores examinam os percursos individuais a fim de evidenciar, por meio desses caminhos, aspectos reveladores da vida cotidiana, dos comportamentos, das singularidades de um grupo social específico e das condições históricas que o influenciam. Essa é a característica distintiva da micro-história na investigação de trajetórias, configurando-se como

uma abordagem adequada para compreender o indivíduo e os contextos sociais que o envolvem (Alves, 2019).

O delineamento e aproximação de uma possível globalização da humanidade precipitou o devaneio etnocêntrico. As contribuições, avanços e compreensão da complexidade multidimensional do homem (biológica, social, cultural...) precipitou ou, pelo menos empurrou para a beira do precipício, os alicerces e argumentos que insistiam (ou insistem) em manter uma visão etnocêntrica e incongruente de uma história global. Um outro quadro de referência teórico-conceitual começa a se delinear, ganhar forma e sustentação (Costa; Santos, 2024).

O declínio da perspectiva etnocêntrica – que, de forma contraditória, ocorreu simultaneamente à integração do mercado global – inviabilizou a concepção de uma narrativa histórica universal. Apenas uma abordagem antropológica articulada com a dimensão histórica, ou, de modo equivalente, uma análise histórica fundamentada em princípios antropológicos, pode oferecer uma nova interpretação da longa trajetória da espécie *homo sapiens* (Ginzburg, 1989).

A crise paradigmática da história no final da década de 1970 e início dos anos 1980 (história social e história de longa duração) deu vigor e notoriedade à micro-história como um novo espectro de possibilidades de microanálise. Na abordagem micro-histórica, um dos elementos escolhidos pelo historiador consiste no percurso existencial de sujeitos individuais. Em termos gerais, embora a investigação biográfica seja uma forma viável de examinar a experiência de um sujeito e seu contexto, a micro-história, ao explorar o percurso de vida de um indivíduo, permite alcançar as estruturas sociais, revelando dimensões mais abrangentes da coletividade (Alves, 2019).

A transição da história das mentalidades da década de 1970 para a história cultural dos anos 1980 fertilizou o campo de debate epistemológico sobre a micro-história, dando a ela os fundamentos teóricos necessários para lhe atribuir cientificidade, outorgando-lhe o estatuto de gênero e método de pesquisa histórica.

O processo que conduz da história das mentalidades à história cultural é fundamental para compreender as origens da micro-história. Isso se deve, em primeiro lugar, ao fato de que, surgida por volta da década de 1980, a micro-história passou a incorporar, em diversos aspectos, os temas recorrentes da história das mentalidades. Com o progressivo esgotamento dessa última – especialmente diante das críticas relacionadas à sua imprecisão conceitual e

fragilidade teórica – diversos pesquisadores que antes se dedicavam a esse campo passaram a atuar na nova perspectiva historiográfica. Nesse contexto, como aponta Giovanni Levi, o desenvolvimento da micro-história está vinculado ao debate intelectual e historiográfico dos anos 1970 e 1980, relacionando-se, portanto, com a crise do paradigma marxista e de outras abordagens totalizantes, bem como com os limites teórico-metodológicos da proposta das mentalidades, que se revelou insatisfatória (Vainfas, 2002).

Para consolidar sua convicção na possibilidade de se fazer pesquisa histórica a partir de outra perspectiva de abordagem do objeto e para potencializar a pesquisa em micro-história, o historiador italiano Carlo Ginzburg elabora e propõe, na década de 1970, o método indiciário.

Carlo Ginzburg propôs o método indiciário durante os anos 1970, no contexto das pesquisas que resultaram em sua obra “O queijo e os vermes”, de 1976. Contudo, a sistematização mais completa desse paradigma foi apresentada posteriormente, por meio do livro “Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história”, também de autoria de Carlo Ginzburg, publicado em 1989 pela Editora Companhia das Letras. Nessa obra, o autor apresenta as características centrais do método indiciário.

O método indiciário centra na análise de indícios sutis e aparentemente irrelevantes – como pequenos gestos ou detalhes em obras artísticas – com o objetivo de extrair informações significativas sobre o passado. Carlo Ginzburg concebe essa abordagem como uma estratégia para acessar realidades complexas a partir de elementos marginais, resíduos e sinais fragmentários. Nessa perspectiva, o historiador deve interpretar “sintomas” para formular diagnósticos, ou seja, a partir de pistas discretas, deve reconstruir acontecimentos pretéritos. Com essa centralidade, o método indiciário propõe uma leitura atenta e interpretativa de fontes indiretas, ampliando as possibilidades da análise histórica. O método indiciário foca na extração de pistas fragmentadas (sutis e despercebidas), deixadas pelo homem do passado, e visa reconstruir suas ações, intenções e dinâmica social de épocas pretéritas.

Formulado com essa proposição, o método indiciário configura-se como um arcabouço metodológico heurístico que, em sua essência, prioriza a análise minuciosa de detalhes, dados periféricos e residuais. O paradigma indiciário enfatiza a identificação, análise e interpretação de vestígios triviais presentes nas fontes. Esses elementos, tradicionalmente marginalizados na pesquisa histórica tradicional, são reinterpretados à luz dos postulados da

micro-história, configurando-se como indicadores, vestígios, indícios ou pistas, fornecendo insumos valiosos para a imersão e aprofundamento no objeto de investigação.

Inicialmente, a micro-história buscava se opor às interpretações abrangentes e generalizantes da história social, a qual aparentava ter alcançado os instrumentos e esquemas explicativos finais para entender os principais problemas históricos. Ao adotar essa postura, alinhava-se a outras correntes críticas, tanto na historiografia quanto em áreas afins, que, nas décadas subsequentes, dedicaram-se a revisar os contornos e os recursos conceituais das ciências humanas (Lima, 2012).

A diminuição da dimensão analítica, nessa abordagem, não se refere à inclusão de temas que, do ponto de vista teórico, somente seriam viáveis em níveis reduzidos da estrutura social, tampouco à tentativa de definir pequenos universos representativos da sociedade, elencados por sujeitos da classe dominante. A redução da escala de análise proposta pela micro-história sinaliza e pressupõe um movimento analítico mais complexo, rumo à indução de leis gerais (Castro, 1997).

Propõem-se, de fato, as vivências históricas individuais, passíveis de serem parcialmente reconstituídas, como um nível privilegiado de observação para rever e formular novos problemas à explicação histórica, considerando tanto as condicionantes estruturais do comportamento humano na história, como a margem de liberdade e de criatividade nele contidas (Levi, 1992, p. 135-136).

A história das mentalidades, a nova história cultural e a micro-história entraram ao mesmo tempo em discussão no Brasil, em meados da década de 1980 e ao longo dos anos 1990. Consequentemente, a delimitação precisa de suas fronteiras tornou-se um desafio, dificultando a definição clara de seus limites e fronteiras. Graças à contribuição da antropologia, por meio da apresentação de novos problemas, fontes e abordagens e, a partir de preocupações comuns, esses campos específicos da pesquisa histórica ganharam afluência. Essa aproximação resulta de interesses compartilhados, como a análise da vida diária de sujeitos não identificados, de seus comportamentos e formas de pensamento, bem como a exploração de figuras historicamente marginalizadas ou pouco examinadas pela pesquisa (Roiz, 2010).

É plausível considerar que a popularização progressiva das abordagens micro-históricas esteja relacionada ao aumento das incertezas acerca de certos fenômenos históricos em larga escala. O fato de que as investigações micro-históricas frequentemente se

concentrem em aspectos ligados à esfera íntima, à experiência individual e ao cotidiano não ocorre por acaso. As mulheres, por exemplo, constituem de forma incontestável o segmento social que mais tem suportado os impactos negativos decorrentes da trajetória histórica da humanidade, que prioriza o gênero masculino (Ginzburg, 1989).

Atualmente inicia-se uma etapa distinta, associada ao surgimento de novas direções na pesquisa. Novos assuntos e abordagens investigativas começam a ocupar posição de destaque. Especificamente, observa-se o crescimento de estudos históricos marcados por uma observação minuciosa de eventos delimitados (como uma comunidade rural, um conjunto de famílias ou mesmo uma única pessoa), o que pode ser atribuído tanto a fatores internos à historiografia quanto a influências externas a ela (Ginzburg, 1989).

É pertinente, também, analisar e discutir a importância da temporalidade microanalítica na micro-história, combinando eventos de curto prazo com estruturas de longo prazo, oferecendo novas formas de compreender a história. Por meio de detalhes sutis do cotidiano, os historiadores podem reconstituir o passado e desenvolver suas narrativas, ampliando as abordagens teóricas e práticas do campo histórico. Ressalta-se a relevância e o mérito de se fazer uma profunda reflexão sobre o percurso da microanálise no âmbito das teorias da História (Campos, 2018).

A microanálise constituiu uma forma específica de abordagem desenvolvida na Itália, voltada para uma investigação social mais aprofundada e com maior embasamento teórico, surgida em um cenário específico, pouco receptivo às ciências sociais e marcado por uma tradição historiográfica que estabelecia, de modo inflexível, uma escala de relevância entre os temas estudados (Grendi, 1998).

Ao conectar o tempo breve do evento com o tempo extenso das estruturas, sem abdições ou reducionismos, a micro-história estabelece oportunidades únicas de entendimento dos processos históricos. A proposta italiana se expressa por indícios e pormenores espalhados nas tramas minuciosas que moldam o dia a dia dos homens e das quais o historiador utiliza para recordar o passado e elaborar suas narrativas (Campos, 2018).

A dimensão temporal própria da microanálise possui importância significativa e define sua perspectiva investigativa. Ao integrar a duração breve dos eventos com a permanência das estruturas históricas, sem recorrer a simplificações ou explicações utilitárias, a micro-história propõe novas formas de interpretar os processos históricos. Fundamentada em indícios e elementos sutis presentes nas dinâmicas mínimas que constituem o dia a dia – e que os

historiadores utilizam para reconstituir o passado e elaborar suas interpretações – essa abordagem reformula as bases conceituais e metodológicas que sustentam a prática historiográfica (Campos, 2018).

A microanálise utilizada pela micro-história reflete uma metodologia que proporciona ao historiador a possibilidade de reconstruir percursos e narrativas biográficas que se distanciam do modelo tradicional de análise de uma existência. A ênfase reside na problematização dos sujeitos, inserindo-os em diferentes contextos e redes sociais, o que permite a identificação de similaridades e singularidades (Karsburg, 2015).

A abordagem da microanálise histórica assume, neste contexto, um caráter instigante, ou ao menos, como foi demonstrado, produz um impacto provocativo. Nota-se, contudo, a existência de uma tendência convergente de interpretações voltadas ao nível micro: exemplificam-se o crescimento recente dos estudos sobre estruturas familiares, a concepção de uma história social baseada em prosopografia ampliada, o método investigativo centrado na observação de episódios específicos e na elaboração de trajetórias biográficas representativas, bem como as narrativas de vida (Grendi, 2009a).

A microanálise fundamenta-se na diminuição do nível de observação adotado pelo investigador. Seu objetivo não consiste em converter aspectos singulares em saberes amplos e universais, mas sim em evidenciar especificidades (Zorzal, 2014). Ginzburg (2007) salienta que diminuir o nível de análise significa converter em obra completa aquilo que, sob a perspectiva de outro pesquisador, poderia ser considerado apenas uma observação marginal (Ginzburg, 2007).

A abordagem micro-histórica possui dupla natureza. De um lado, ao operar em uma dimensão limitada, possibilita frequentemente a reconstrução de experiências concretas que seriam inviáveis em outras modalidades de escrita histórica. De outro, busca examinar os mecanismos não perceptíveis que condicionam essas experiências. Existe uma lacuna entre os aspectos formais e o conteúdo, cuja compreensão é responsabilidade da investigação científica (Ginzburg, 1989).

Certamente, há críticas acerca da microanálise histórica afirmando não ser possível compreender e explicar como um grupo se comporta se o olhar do pesquisador se dirigir apenas para esse grupo, isoladamente, sem considerar o contexto mais amplo. Na verdade, a micro-história e a microanálise surgiram justamente como uma reação contrária à tendência

de analisar a sociedade sem olhar para os grupos sociais concretos – ou seja, sem prestar atenção nos detalhes e nas pessoas reais.

A definição da dimensão utilizada na microanálise ocorre precisamente em razão dos elementos investigativos estabelecidos, ou seja, as interações entre indivíduos; essa lógica aplica-se tanto aos segmentos sociais quanto às coletividades. A crítica recorrente à microanálise histórica consiste na alegação de que é inviável interpretar as ações coletivas considerando-as de forma separada. Ressalto, contudo, que a proposta da microanálise surge justamente como uma resposta à abordagem predominante que busca compreender as dinâmicas dos agrupamentos sociais sem levar em conta suas especificidades (Grendi, 2009b).

A micro-história permite fazer uma análise dos eventos históricos para além da superfície dos documentos, possibilitando acessar a camada mais elementar e não perceptível, formada pelas normas que estruturam a dinâmica social, ou seja, a história que os homens não sabem que fazem (Marx, 1986).

Quando os registros históricos omitem ou deformam de maneira sistemática as condições sociais das camadas populares, um documento verdadeiramente incomum – e, portanto, estatisticamente raro – pode oferecer uma compreensão mais profunda do que inúmeros registros padronizados. Situações periféricas, conforme observado por Kuhn (2003), têm o potencial de inaugurar uma nova perspectiva, mais estruturada e enriquecida. Em outras palavras, funcionam como sinais ou evidências de aspectos encobertos da realidade que os documentos convencionais geralmente não revelam (Ginzburg, 1989).

O contexto socioeconômico e as circunstâncias individuais moldam as escolhas que cada indivíduo realiza. Os sujeitos são responsáveis por moldar a história, mas não o fazem de acordo com suas próprias vontades. Suas ações são influenciadas por circunstâncias herdadas daqueles que vieram antes dele e transmitidas ao longo do tempo. A herança social e material, transmitida por gerações anteriores, influencia profundamente a percepção da realidade e, conseqüentemente, define os parâmetros que norteiam as decisões tomadas (Marx, 1986).

Como fruto de uma nova maneira de olhar para a história, a micro-história dá atenção a outros tipos de fontes, para além do positivismo. Ela não foca apenas nas macromudanças econômicas e políticas da sociedade. Preocupa-se, também, com o dia a dia das pessoas, suas experiências, formas de se expressar e jeitos de ver o mundo em uma determinada época. Enquanto “História vista de baixo”, a micro-história é uma abordagem historiográfica que

busca compreender o passado a partir da perspectiva dos sujeitos comuns, sem desconsiderar a contribuição das elites, políticas ou econômicas. Trata-se de uma abordagem historiográfica que busca compreender o passado a partir da perspectiva dos sujeitos comuns – camponeses, indígenas, quilombolas, ciganos, trabalhadores, mulheres e outras “minorias” – em vez de privilegiar apenas elites econômicas, líderes políticos ou grandes eventos.

### **Considerações finais**

A micro-história representa uma ruptura paradigmática significativa na historiografia contemporânea, surgida como contraponto ao predomínio da doutrina positivista que marcou o desenvolvimento da História como ciência no século XIX. O positivismo, ao enfatizar a objetividade e a neutralidade do pesquisador diante das fontes documentais, consolidou a ideia de que o papel do historiador se limita à revelação factual do passado a partir de evidências tangíveis. Ao valorizar documentos oficiais e ao buscar, por meio da crítica das fontes, a suposta pureza da verdade histórica, essa doutrina paradigmática orientou, hegemonicamente, a produção historiográfica por praticamente dois séculos.

A partir do século XX, esse enfoque começou a ser questionado por pensadores como Michel Foucault, Raymond Aron, Kantorowicz e Collingwood, que propuseram outras formas de analisar e compreender a realidade histórica. A crítica à abordagem globalizante e macronarrativa da História Geral abriu espaço para o surgimento da micro-história, na Itália, especialmente com os trabalhos de Carlo Ginzburg e Giovanni Levi, a partir da década de 1970. A proposta micro-historiográfica desloca o olhar para objetos específicos, pequenos enredos, o cotidiano e as experiências locais de pequenos grupos sociais, revelando camadas históricas negligenciadas pelas grandes narrativas.

A micro-história não se limita à narração dos fatos, mas valoriza o percurso investigativo do historiador, destacando suas escolhas metodológicas e analíticas. Em vez de ocultar o papel do pesquisador, a micro-história confere protagonismo ao processo de construção do conhecimento histórico, aproximando-se da descrição etnográfica e de uma narrativa mais rica e sensível às nuances da experiência humana. Tal abordagem reconhece os limites da reconstituição plena do passado, marcado pela fragmentação das fontes e pela vastidão das experiências humanas, defendidas pelo positivismo clássico.

A reconfiguração teórico-metodológica proposta pela micro-história fortaleceu-se pelo debate epistemológico que acompanhou a transição da história das mentalidades para a história cultural, nos anos 1980. O método indiciário, formulado por Ginzburg, ilustra bem essa nova perspectiva: ao invés de grandes eventos e documentos oficiais, o foco recai sobre vestígios triviais, pistas sutis e dados periféricos. Tais elementos, frequentemente marginalizados pela historiografia tradicional, revelam-se como recursos valiosos para reconstruir ações, intenções e dinâmicas sociais esquecidas ou invisibilizadas.

Ainda que críticas sejam direcionadas à micro-história – especialmente aquelas que questionam sua capacidade de explicar fenômenos sem considerar o contexto ampliado –, sua força reside justamente na atenção dedicada aos grupos sociais concretos e às vivências individuais. Ao expandir as possibilidades de utilização de fontes para além dos documentos escritos, como as fontes iconográficas e orais, por exemplo, a micro-história incorpora olhares plurais e cotidianos sobre a dinâmica do fenômeno histórico. A micro-história não nega os processos macrossociais, mas complementa-os com profundidade e sensibilidade, configurando-se como uma abordagem fecunda para pensar a multiplicidade dos tempos e sujeitos históricos.

## Referências

ALVES, Jéssica Santana de Assis. Possibilidades no estudo de indivíduos: a micro-história como aparato para analisar trajetórias. **Temporalidades**, Belo Horizonte, edição 29, v. 11, n. 2, p. 31-49, jan./abr. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/temporalidades/article/view/12670/10009>. Acesso em: 14 ago. 2025.

CAMPOS, Paulo Fernando de Souza. Microanálise: interdisciplinaridade e teoria da história. **Revista de Teoria da História**, Goiânia, v. 19, n. 1, p. 227-245, junho/2018. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/teoria/article/view/53775>. Acesso em: 02 ago. 2025.

CASTRO, Hebe. História Social. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (Orgs.). **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. 5. ed. Rio de Janeiro: Campus; 1997. p. 76-96.

COLLINGWOOD, Robin George. **The idea of history**. Oxford: Oxford University Press; 1946.

COSTA, Júlio Resende; SANTOS, Sônia Maria dos. A micro-história italiana: contribuições da microanálise para a história oral de vida. **Revista de Gestão e Secretariado**, São José dos

Pinhais, v. 15, n. 11, p. 01-17, 2024. Disponível em:

<https://ojs.revistagesec.org.br/secretariado/article/view/4498>. Acesso em: 15 dez. 2025.

GINZBURG, Carlo. **A micro-história e outros ensaios**. Lisboa: Difel Difusão Editorial; 1989.

GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício**. São Paulo: Companhia das Letras; 2007.

GRENDI, Edoardo. Microanálise e história social. *In*: OLIVEIRA, Mônica Ribeiro de; ALMEIDA, Carla Maria Carvalho de. (Orgs.). **Exercícios de micro-história**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009a. p. 19-38.

GRENDI, Edoardo. Paradoxos da história contemporânea. *In*: OLIVEIRA, Mônica Ribeiro de; ALMEIDA, Carla Maria Carvalho de. (Orgs.). **Exercícios de micro-história**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV; 2009b. p. 39-49.

GRENDI, Edoardo. Repensar a micro-história? *In*: REVEL, Jacques. (Org.). **Jogos de escalas: a experiência da microanálise**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas; 1998. p. 251-264.

JENKINS, Keith. **A História repensada**. São Paulo: Contexto; 2001.

KARSBURG, Alexandre. A micro-história e o método da microanálise na construção de trajetórias. *In*: VENDRAME, Maíra Ines; KARSBURG, Alexandre; WEBER, Beatriz; FARINATTI, Luis Augusto. (Orgs.). **Micro-história, trajetórias e imigração**. São Leopoldo: Oikos; 2015. p. 32-52.

KUHN, Thomas. **A estrutura das revoluções científicas**. Tradução Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. São Paulo: Perspectiva, 2003, 324 p.

LANZI, Luigi Antonio. **Storia pittorica della Italia del risorgimento delle belle arti fin presso al fine del XVIII secolo**. Florença: 1792.

LEVI, Giovanni. Micro-história e história da imigração. *In*: VENDRAME, Maíra Ines; KARSBURG, Alexandre; WEBER, Beatriz; FARINATTI, Luis Augusto. (Orgs.). **Micro-história, trajetórias e imigração**. São Leopoldo: Oikos; 2015. p. 246-261.

LEVI, Giovanni. Prefácio. *In*: OLIVEIRA, Mônica Ribeiro de; ALMEIDA, Carla Maria Carvalho de. (Orgs.). **Exercícios de micro-história**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV; 2009. p. 11-16.

LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. *In*: BURKE, Peter (Org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Editora da UNESP, 1992. pp. 142-148.

LIMA, Henrique Espada. Micro-história. *In*: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (Orgs.). **Novos domínios da história**. Rio de Janeiro: Elsevier; 2012. p. 207-223.

MARX, Karl. **O 18 Brumário de Luís Bonaparte**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1986.

PATTON, Michael Quinn. **Qualitative research and evaluation methods**. 3. ed. Sage Publication: 2002, USA.

REVEL, Jacques. Microanálise e construção do social. *In*: REVEL, Jacques (Org.). **Jogos de escala: a experiência da microanálise**. 1. ed. Rio de Janeiro: FGV; 1998. p. 15-38.

ROIZ, Diogo da Silva. A micro-história e a sua história. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, v. 44, n. 2, p. 549-551, outubro/2010. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/view/2178-4582.2010v44n2p549/20924>. Acesso em: 10 ago. 2025.

SANDELOWSKI, Margarete. Sample size in qualitative research. **Res Nurs Health**, v. 18, n. 2, p. 179-183, apr./1995.

SARMENTO, Hugo; SAAVEDRA, Néstor Ordoñez; ROSADO, António. **Revisão Sistemática da Literatura**. Mossoró: Edições UERN, 2024. 92 p.

VAINFAS, Ronaldo. **Os protagonistas anônimos da história: micro-história**. Rio de Janeiro: Campus; 2002.

ZORZAL, Gabriela. Paradigma indiciário e o campo do jornalismo: possíveis aproximações. **Revista Sinais**, Vitória, n. 15, p. 75-88, junho/2014. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/sinais/article/view/8598/0>. Acesso em: 27 jul. 2025.

*Recebido: fevereiro/2026.  
Correções requeridas: maio/2026.  
Publicado: junho/2026.*